MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
16 de Janeiro de 2018

I.

CDU e SPD chegam a um princípio de acordo para negociar coligação governamental na Alemanha. Entendimento poderá colocar fim a um impasse político que dura há mais de 100 dias.

Na China, o presidente francês propôs relançar a batalha climática. Neste Magazine Europa olhamos para a visita oficial de Emmanuel Macron, que rejeitou ainda dar lições a Pequim sobre os direitos humanos.

Líderes de países do sul da Europa juntaram-se em Roma e apelaram a uma distribuição mais equilibrada do fluxo migratório ao nível comunitário.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Mais de três meses depois, há acordo na Alemanha. A chanceler alemã, Angela Merkel, e o líder dos sociais-democratas, Martin Schulz, alcançaram um princípio de acordo com o objectivo de formar um novo governo.

A chanceler alemã manifestou-se optimista quanto a uma possível coligação.

Angela Merkel, Chanceler da Alemanha
A CDU aprovou unanimemente estes documentos, estes resultados das conversações com a participação de muitos elementos, com assento num base alargada. Recomendamos também que o nosso partido inicie conversações para a formação de um governo estável.

Já Martin Schulz, líder do SPD, elogiou os resultados das conversações.

Martin Schulz, Líder SPD
Neste espírito, julgo termos alcançado um bom resultado. Para nós, o que escrevemos nestas conversações preliminares não é retórica.

Recorde-se que nas eleições de Setembro de 2017, o SPD disse que caso perdesse passaria a oposição.
A CDU de Angela Merkel, que venceu sem maioria suficiente, tentou inicialmente formar coligação com os liberais e os ecologistas, mas sem sucesso.
A chanceler ficou então num impasse, restando-lhe o SPD, com quem governou no executivo anterior.

E connosco ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, a CDU e o SPD chegaram a um princípio de acordo na sexta-feira passada, acordo que vai ser submetido à aprovação das bases do SPD. É certo que passe?
Neste momento, há muitas dúvidas, embora se possa pensar que acabará por passar, mas a verdade é que muitos dirigentes do SPD e também a ala jovem do partido pensam que este acordo não é favorável ao futuro do partido e têm em conta a coligação anterior e pensam que, com base na experiência anterior, qualquer nova coligação com o Partido da senhora Merkel trará mais perdas de votos para os sociais-democratas alemães.

Mas é o acordo que convém à Europa...
Este acordo é um acordo que poderá levantar muitas reticências na Alemanha e muita gente na Alemanha é contra uma nova coligação entre os conservadores e os sociais´-democratas, mas a verdade é que na Europa este acordo é visto muito positivamente, sobretudo porque o acordo dá uma importância primordial ao posicionamento na Alemanha da União Europeia e vai no sentido de reforçar a participação alemã, quer em matérias orçamentais, quer em matérias políticas e isso evidentemente é uma excelente notícia para os outros países europeus. Por outro lado, ficou também claro nas negociações entre Merkel e Schulz que um dos objectivos será a criação de um fundo monetário europeu, fundo esse que será fundamental para ajudar certos países a ultrapassar situações de crise financeira, ou seja, temos aqui um acordo que se for avante terá enormes vantagens democráticas, enormes vantagens em termos da união dos países europeus e também em termos da estabilidade económica e financeira dos países mais fracos.

"O mundo não espera por nós", disse a chanceler alemã que, ao longo destes três meses tem estado ausente da arena europeia. Victor, vamos ouvir as declarações:

Angela Merkel, Chanceler da Alemanha
Vimos que durante o longo período que passou após as eleições, que o mundo não espera por nós. E no que diz respeito à Europa, estamos convencidos que a Europa precisa de um empurrão.

A que se referia a chanceler alemã quando falava em empurrão?
Eu penso que quando ela diz que o mundo não espera, ela está sobretudo a pensar em Emmanuel Macron, porque Emmanuel Macron tem durante os últimos meses e durante os últimos dias continuado uma série de iniciativas que posicionam de uma maneira muito forte França na União Europeia e que, por outro lado, transformam Macron no campeão, digamos assim, da unificação na Europa. Por isso, ela pensa que a continuação de uma situação de indecisão na Alemanha não é favorável a uma Europa mais equilibrada em que a França e a Alemanha seriam os dois pilares. Neste momento, ela pensa que apenas o pilar francês está a funcionar. Por outro lado, ela vê com muita preocupação com o facto de na Alemanha não haverá governo durante seis ou sete meses, isto numa altura em que há grandes alterações políticas internacionais, numa altura em que a política americana está em retracção no que diz respeito à sua presença global e também numa altura em que a China resolveu afirmar-se de uma maneira muito mais visível na cena internacional. E ela pensa que a Alemanha, enquanto grande país e enquanto economia com muitos interesses globais, tem que estar presente e tem de que ter um governo forte que a represente na arena internacional.

III.

Na China, presidente francês propôs relançar batalha climática. De visita oficial ao país, Emanuel Macron defendeu ainda que a União Europeia deve definir sectores económicos estratégicos e fechá-los ao investimento estrangeiro. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
16 de Janeiro de 2018

Emmanuel Macron ofereceu a Xi Jinping um cavalo de elite chamado Vesuvius; tentou a sua sorte em mandarim; e escolheu Xian, capital de antigas dinastias, para começar a visita à China.
O Chefe de Estado francês esteve entre 8 e 10 de Janeiro no país e lançou uma ofensiva de charme. Prometeu até regressar pelo menos uma vez por ano à China,
Ao presidente chinês, Macron propôs relançar a batalha climática e aumentar os compromissos contra o aquecimento global. Deixou ainda um apelo à Europa para cooperar no mega projecto de Xi Jinping, "Uma Faixa, Uma Rota", um projecto que pretende recriar novas ligações terrestres e marítimas ao longo de 65 países.
Mas Emmanuel Macron mostrou que se quer aliar a Pequim em várias outras frentes: na luta contra o terrorismo, no apoio à força do G5 no Sahel e no desenvolvimento de energias renováveis em África.
Durante a visita, o jovem líder salientou também que a União Europeia deve ter um objectivo comum na política em relação à China. Bruxelas, disse, deve definir quais os sectores económicos que são estratégicos para a sua soberania e encerrá-los ao investimento estrangeiro.
Esta não é uma medida contra a China, diz Macron, mas pela soberania europeia.

Xi Jinping e Emmanuel Macron revelaram um alinhamento de ideias no que toca à necessidade de comércio livre e do combate às alterações climáticas, que são opostas àquilo que defende o presidente norte-americano Donald Trump. Que primeira leitura é que se pode fazer deste encontro?
Eu penso que ambos os presidentes querem desempenhar um papel mundial de maior proeminência. Certamente a China está neste momento numa fase política em que pensa que o seu poder económico, o seu poder demográfico também se deve traduzir por uma intervenção ao nível global muito mais visível e muito mais proactiva. E por outro lado, temos no caso francês um presidente que tem ambições também internacionais, ou seja, um presidente que pensa que a França é um país que poderá desempenhar um papel muito importante na ordem política internacional e nomeadamente em questões de interesse global, como as questões do clima ou como as questões relacionadas à segurança internacional. E por isso nós temos quer de um lado quer do outro, dois

presidentes que têm uma ambição global e uma ambição que pode ser complementar, sobretudo numa altura em que nós assistimos do lado americano ao presidente Donald Trump virado para os problemas domésticos dos Estados Unidos e cada vez mais alheio e menos interessado pelas questões internacionais.

África esteve também na agenda. Que papel é que pode ter a cooperação entre estes dois países no continente africano?
A China em 2011 foi apanhada descalça durante a crise da Líbia, ou seja, a China não estava preparada para defender os seus interesses económicos e para contribuir para a resolução de uma grave crise como aquela que aconteceu à volta da queda do coronel Gaddafi. Depois de 2011 e tendo aprendido a lição na Líbia, a China resolveu reforçar a sua presença militar e a sua presença de segurança em África, em paralelo, evidentemente, com uma forte presença comercial e económica. E nós temos neste momento, e sobretudo a partir de 2013, uma China muito mais presente em matéria de segurança no continente africano. E é esse tipo de presença que Emmanuel Macron gostaria de ver aliada à presença francesa, porque quer um lado quer o outro têm bastantes interesses em vários pontes de África e nomeadamente na África Ocidental e uma aliança política e uma aliança de segurança poderia permitir estabilizar uma zona que é hoje muito instável. O presidente da França tem enormes preocupações em relação à situação da segurança na zona do Sahel, na zona da África Ocidental e da África Central e está à procura de aliados para ajudar a França e os países dessa zona a estabilizar a situação.

Por outro lado, temos ainda a questão dos direitos humanos. Antes da visita, a Human Rights Watch apelou a Emmanuel Macron para que pedisse a Pequim para melhorar a situação dos direitos humanos. O presidente francês recusou dar lições à China – estas são palavras de Macron - porque isso seria "totalmente ineficaz". O que é que revela este silêncio?
Eu penso que a visita de Macron, que tinha objectivos políticos, evidentemente, e também objectivos comerciais muito importantes, também passou uma série de mensagens políticas. Ele passou mensagens acerca, por exemplo, da nova rota da seda, no sentido de dizer claramente aos chineses que a Europa - e nomeadamente a França - apoiam o projecto do presidente Xi no que diz respeito a essa nova rota da seda, se

essa rota e esses caminhos forem utilizados para promover as relações comerciais entre ambas as partes e não apenas uma rota utilizada para fins de domínio político da China. Por outro lado, enviou uma mensagem também muito forte sobre a crescente ingerência política do Partido Comunista Chinês nas grandes empresas europeias que já estão instaladas na China. Ele pensa que essa ingerência não é favorável ao desenvolvimento comercial e económico dessas empresas. E eu penso que estas eram as grandes preocupações que ele tinha em mente. E para não passar demasiadas mensagens, a mensagem dos direitos humanos – que era uma mensagem relativamente importante também para o presidente Macron e certamente uma mensagem que ele nunca esquecerá – essa mensagem tem também muito a ver com a situação interna na China e ele pensou que nesta altura talvez fosse menos oportuno insistir muito nos direitos humanos, mas sim insistir noutras mensagens políticas igualmente importantes.

IV.

Os países do sul da União Europeia reuniram-se na semana passada em Roma e fizeram um apelo para que o fluxo migratório seja partilhado ao nível comunitário.

"A gestão dos fluxos migratórios vai ser um desafio fundamental para a União Europeia nos próximos anos ", referia a declaração da IV Cimeira dos Países do Sul da União Europeia, que contou com a presença do Chipre, Espanha, França, Grécia, Itália, Malta e Portugal.

O documento salientou ainda que Bruxelas deve intensificar a luta contra o tráfico de seres humanos e novas formas de escravidão, protegendo grupos mais vulneráveis.

Victor, os chefes de estado e de governo presentes assinaram esta declaração na qual se comprometeram a defender uma política europeia comum sobre a imigração. Mas uma das maiores dificuldades em pôr em prática esta política não reside apenas no Sul da Europa. Como se pode inverter esta situação?
Neste momento é preciso rever totalmente a política de imigração, é preciso rever também a política de asilo e chegar a um acordo no que diz respeito a novas políticas comuns nestas duas áreas, na política em matéria de imigração e em

matérias de asilo. É uma mensagem que vai muito dificilmente ouvida por outros países, porque neste momento há duas grandes questões: por um lado, os países que não estão na linha da frente e nomeadamente os países da Europa do Leste estão perfeitamente satisfeitos com a situação actual, ou seja, com o chamado acordo de Dublin, que diz que os imigrantes e os candidatos ao refúgio político devem ser tratados no primeiro país da União Europeia a que chegam e evidentemente esses países de entrada não são certamente os países da Europa do Leste nem os países da Europa do Norte, são os países que fazem fronteira com o Mediterrâneo e nomeadamente com a África do Norte e com o Médio Oriente. E por outro lado, a questão da imigração é uma questão muito importante, na medida em que os custos da gestão da imigração e nomeadamente os custos da gestão dos campos de imigrantes, do processamento desses candidatos à imigração e também os custos relacionados com a protecção das fronteiras exteriores da União Europeia, não podem pura e simplesmente ser apenas suportados pelos países do Sul. Devem ser custos partilhados por todos os estados membros da União Europeia, na medida em que este é um problema de todos e não um problema apenas da Itália, da Grécia ou da Espanha.

Na realidade, segundo a Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira (a Frontex) o número de migrantes a chegar de barco a Italia desceu quase 35% Poderá isso estar relacionado com o acordo assinado por Itália e milícias líbias? *Sim, está certamente. A Itália durante vários meses fez contactos com dirigentes tribais e dirigentes de milícias na Líbia, tendo em conta o facto de que a Itália tem ligações muito profundas e históricas com a Líbia e a verdade é que neste momento a Itália, apesar de não o dizer publicamente, está a apoiar com armas, está apoiar com dinheiro essas milícias e esses líderes tribais, a utilizá-los como uma espécie de polícias que evitam a passagem de candidatos à imigração, ou seja, de pessoas que mais tarde ou mais cedo iriam atravessar o Mediterrâneo e chegar às costas italianas. É um facto conhecido de que esses acordos estão em vigor, foram acordos feitos de modo absolutamente oculto, são acordos que nem sempre correspondem às grandes preocupações que devem ser relacionadas com os direitos humanos, mas a verdade é que a Itália começava a ter um enorme problema político com a questão da chegada em massa de imigrantes e*

encontrou esta solução por debaixo da mesa, uma solução que neste momento permitiu em certa medida estabilizar o clima político interno na Itália.

V.

Victor Angelo todas as semanas aqui no Magazine Europa.
E antes de terminarmos, uma nota cultural.
Sete anos depois, a Áustria volta a ser o país-tema da Casa da Música, no Porto. De Bruckner a Shubert, passando por Schoenberg, vão escutar-se em 2018 os melhores compositores austríacos.
A festa começou já no dia 12 deste mês com o festival Música no Coração, em honra ao musical de 1965.
Pode consultar o programa na internet na página da Casa da Música. Nós ficamos por aqui, até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.